

## CRIMES

SANTIAGO, março — Pela Panair do Brasil — Ontem falei de pena de morte; hoje falarei de crime. Houve dois, pitorescos e lindos. O primeiro aconteceu à 1 e meia da tarde a trinta metros do Escritório Comercial do Brasil; na Joalheria Paris, rua Ahumada. Rua tão central, tão conhecida, que quando se quer dizer que um sujeito é cem por cento de Santiago do Chile se diz que é "más santiaguino que la calle Ahumada". A 1 hora da tarde o comércio fecha para a sesta, como se faz em todos os países sensatos do mundo; a essa hora a calle Ahumada, esquina de Augustinas, estava cheia de gente quanto a porta de ferro da joalheria foi forçada, os ladrões entraram e levaram jóias no valor de 8 milhões de pesos, isto é, mais de 2 mil contos. Ninguém viu.

Días depois, às 5 e meia da tarde, também no centro, rua Monjitas, a meia quadra da Praça das Armas, outra joalheria foi roubada em tudo que estava em sua vitrina, e que valia mais de 1 milhão de pesos. Neste último caso o que se supõe é que vários freguêses entraram ao mesmo tempo na casa, de maneira a dar trabalho ao chefe e aos empregados. Enquanto isso seus parceiros abriram a vitrina por dentro e carregavam tudo o que lá havia; quem passasse pela rua — e passava, na certa, muita gente — pensaria que os joalheiros estavam mudando sua montra. Assim ou de outra maneira, a coisa foi tão bem feita que os donos da casa só deram pelo furto uns 20 minutos depois da saída dos "freguêses".

Para o primeiro caso não há explicação; há apenas uma hipótese. Alguns homens teriam desembarcado na calçada um grande caixão, que teria ficado encostado à porta da joalheria. Dentro do caixão estaria um outro homem que dali teria feito o trabalho, por uma porta falsa, regressando depois ao interior do caixão já com as jóias no bolso.

O caso é que até agora a policia não descobriu nada; nos dois casos os criminosos — provavelmente os mesmos — fizeram um trabalho bem estudado, bem planejado e limpo, admirável. Mas houve um terceiro crime, êste horripilante, monstruoso. Aconteceu há dez dias. Dez homens bêbados esperaram... Mas isso é outra crônica.

514155

R. B.